A recusa da improvisação

Uma conversa entre José Louzeiro e Joaquim Carvalho.

Louzeiro - Um roteiro é uma grande reportagem. E o que se exige numa boa reportagem é o detalhe. Gosto do detalhe no cinema. Às vezes me esqueço da história de um filme de que gostei, mas seus detalhes ficam. Por exemplo, o que me lembro de *Vidas Amargas* (Elia Kazan), grande filme da década dos cinqüenta, é aquele momento em que Sal Mineo, na hora de saltar do carro, não consegue e morre. O importante é que nesse momento ele está usando uma meia azul e outra vermelha. E aí, James Dean se ajoelha a seu lado e diz: "ele era um maluco". Esses detalhes é que me fascinam.

Joaquim Carvalho - Mas uma boa história é também importante. Não será devido à força da história que *E o Vento Levou* permaneceu, enquanto *La Dolce Vita* envelheceu? Na minha opinião, o cinema brasileiro resolveu o problema da direção, da fotografia, da montagem, não o do roteiro. O cinema autoral levou a que se tentasse resolver o problema da "história" na filmagem, depois na montagem, e o problema não foi resolvido. Na verdade, só me tornei produtor para poder filmar meus roteiros.

Louzeiro - Sou também a favor de uma boa história, mas acho fundamental um detalhamento de planos capaz de amarrar bem o filme. Muitas vezes as boas narrativas se perdem por falta de detalhamento. *E o Vento Levou,* por exemplo, tem uma inteligência no detalhamento dos planos que lembra a moderna linguagem da televisão de hoje.

Joaquim Carvalho - A experiência da publicidade ajuda muito para se alcançar a concisão. Um diretor hábil consegue fazer uma insinuação em três palavras, em vez de dez. E isso tem a ver com o que você diz sobre o detalhe.

Louzeiro - Sou um admirador da linguagem do filme publicitário. Isso do ponto de vista técnico, da agilidade no fazer, do respeito que o profissional tem pelo texto... Não digo que o roteiro deva ser algo intocável, apenas acho que o centro da narrativa não deve se perder por causa das variações introduzidas. Sou um aluno do roteirista Jorge Durán, e minha participação ao seu lado em *Lúcio Flávio* e *Pixote* me chamou a atenção para seu senso de responsabilidade nos momentos mais simples do filme. Se uma mesa tem que ser de madeira, ela não pode ser de outro material. A produção muitas vezes improvisa e introduz diferenças no plano e no conjunto. Basta acumularmos infidelidades deste tipo para, trinta planos adiante, o filme ter virado uma paródia. Esse tipo de coisa nunca acontece na publicidade. Para mim, a produção no cinema é vital: os objetos de cena são fundamentais; a cenografia é extremamente importante.

Joaquim Carvalho - O roteirista não pode ser policiado pelo produtor desde o início, senão ele fica paralisado. Mas ele também tem que compatibilizar seu trabalho com os limites da produção. É impossível sonhar em fazer *2001 Uma Odisséia no Espaço* no Brasil.

Louzeiro - Tenho em alta conta o senso de responsabilidade do roteirista diante da produção. Por isso, como já disse, sou um admirador dos filmes de publicidade. Acho importante a economia da linguagem, a simplificação das soluções. Mas isso não está apenas ligado aos grandes orçamentos já que todo mundo sabe que um filme publicitário de alguns minutos tem um orçamento semelhante ao de alguns longas brasileiros. Veja, por exemplo, alguns filmes como os de Carlos Saura ou de Costa-Gavras. *Missing* é um bom exemplo; um filme barato em termos americanos. Mas, de repente, ele solta aquele cavalo branco no meio de toda aquela violência, de todo aquele autoritarismo. É uma solução de alta beleza e de sensibilidade, mas também de economia em termos de produção, já que a seqüência evita uma série de planos de detalhamento. Acho que o ideal é o filme médio, em que as limitações da produção nos levam à inventiva. *Um Cão Andaluz* é a coisa mais barata que existe e uma maravilha. Aliás, os melhores filmes americanos nem sempre são aqueles de maior orçamento. O grande filme é o filme de grande sensibilidade do diretor, que só chega à tela se todos os seus componentes - roteiro, cenografia, fotografia - estiverem no lugar. Por isto acho o cineasta o intelectual mais completo do nosso tempo. Porque até quando ele dá espaço para o músico, ele está criando o *seu* espaço musical, sua sinfonia. É a música no tempo do diretor.

Joaquim Carvalho - Minha tese é que esta história de resolver o filme só na filmagem ou na moviola é uma idéia furada. Não só no Brasil como no mundo todo. Um dos indicadores de que o roteiro está sendo prestigiado no Brasil é o fato do livro de Doc Comparato estar na lista dos mais vendidos. Para mim um roteiro não limita um filme. Ele catapulta um filme...

Louzeiro - O roteiro é como a planta de um edifício. Seguir corretamente a construção de uma planta incorreta dá um edifício defeituoso. Os espanhóis chamam-no significativamente de *guión*. Não, não acredito em improvisação.